

## Polos de crescimento econômico: notas sobre o caso do estado do Paraná.

*Ricardo Rippel<sup>1</sup>*  
*Jandir Ferrera de Lima<sup>2</sup>*

---

### RESUMO

O objetivo deste artigo é o de analisar a teoria dos polos de crescimento, aplicada a uma análise do cenário do Estado do Paraná. O crescimento econômico não ocorre em todos os lugares ao mesmo tempo; esse processo se manifesta em polos com intensidades variáveis, fato perceptível no Paraná. O cerne da teoria da polarização se fundamenta na implantação e consolidação de indústrias - ou complexos industriais - que no seu processo de crescimento transmitem o progresso para o conjunto da economia, seja pela forte concentração de capitais, ou pela divisão dos fatores de produção ou pela atração de mão-de-obra. A localização das atividades produtivas ordena o desenvolvimento de determinado espaço econômico, situação que se apresenta no Estado do Paraná.

**Palavras-chave:** polos de crescimento; desenvolvimento regional; desenvolvimento econômico; teoria da localização.

---

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar a teoria da polarização, ou dos polos de crescimento, desenvolvida por François Perroux, em meados da década de 1950. O estudo da teoria da polarização ajuda a compreender as transformações que o Brasil passou desde a década de 1960, no que toca à distribuição das atividades econômicas. Recentemente, políticas de desenvolvimento econômico inspiradas diretamente na ideia da polarização foram implementadas no Estado do Paraná.

A ideia de polarização parte da concepção de espaço. Para FERRERA DE LIMA (2003), a noção de espaço tem um lugar importante na economia moderna. Ele é um elemento ativo na dinâmica do sistema produtivo, tem sua origem na atividade humana e constitui-se de relações econômicas, tais como: produção, consumo, tributação, investimento, exportação, importação e migração. Por outro

---

<sup>1</sup> Doutor em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)/Campus de Toledo. Pesquisador do GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Agronegócio e Desenvolvimento Regional. E-mail: rippel@unioeste.br

<sup>2</sup> Ph.D. Desenvolvimento Regional pela Université du Québec (UQAC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Pesquisador do GEPEC.

lado, PERROUX (1982) define espaço econômico como espaço polarizado, um campo de forças ou de relações funcionais. A noção de espaço econômico polarizado lança as bases para uma teoria da polarização.

A teoria da polarização vem ao de encontro de uma série de estudos desenvolvidos a partir da segunda metade do século XX, objetivando compreender os mecanismos do desenvolvimento econômico e das formas de intervenção nas atividades produtivas, apresentando para tal, estudos teóricos para a sua compreensão. No campo da teoria econômica, esses estudos se mostraram como uma alternativa de análise às fundamentações teóricas em nível macroeconômico da questão do crescimento econômico e de suas implicações. LEITE (1983) denomina estas teorias de pós-keynesianas, pois tem como marco de referência apontamentos estruturados por KEYNES (1985). Para SILVA (1996), todas procuram explicar o desenvolvimento econômico em nível global, no entanto, dentre estas, a teoria da polarização (ou polos de crescimento), distingui-se das demais, porque a princípio foi formulada como uma teoria bastante ampla e depois destinada à análise regional.

Embora todas as teorias citadas sejam importantes, este trabalho se concentra na teoria dos polos de Perroux. Para isso, localiza historicamente a análise da teoria dos polos, sendo feita uma apresentação da teoria de Perroux, para em seguida analisar o perfil da polarização no Paraná.

## **A TEORIA DOS POLOS DE DESENVOLVIMENTO E CRESCIMENTO ECONÔMICO**

A teoria dos polos de desenvolvimento de François Perroux se insere no contexto do desenvolvimento não equilibrado em contraste à teoria do desenvolvimento equilibrado que, segundo LEITE (1983), baseava-se na existência simultânea de empresários e administradores, em todos os níveis, para gerir um amplo e complexo parque industrial. Já a teoria do desenvolvimento desequilibrado é diametralmente oposta, pois seus defensores acham as hipóteses defendidas pelos teóricos do desenvolvimento balanceado utópicas. Dessa forma, a teoria do desenvolvimento não balanceado foi uma reação a ideia do equilíbrio no processo de crescimento da economia, e fundamentava-se na adoção de uma política deliberadamente desequilibrada para se conseguir o desenvolvimento de uma economia retardada.

Nesse ambiente, as ideias de François Perroux encontram um terreno fértil para suas proposições teóricas, com certos elementos que as aproximam das idéias de HIRSCHMANN (1961), embora o mesmo busque propor soluções para o desenvolvimento, em especial da América Latina. Já a de PERROUX (1962, 1967) preocupava-se mais com a realidade dos países capitalistas centrais. Essa similaridade, deve-se a influência do pensamento de SCHUMPETER (1985) e ao repúdio às teorias convencionais do crescimento equilibrado. Assim, o

desenvolvimento é visto por eles como um processo que se propaga através de impulsos econômicos desequilibrados entre as unidades produtivas.

Para PERROUX (19620), o crescimento não surge em todos os lugares ao mesmo tempo. Na realidade, ele se manifesta em pontos ou polos de crescimento, com intensidades variáveis. O crescimento se transmite através de diversos canais e com efeitos variáveis para o conjunto da economia.

Com essas afirmações, PERROUX (1967) apresentou a essência de sua teoria, a saber:

a) o crescimento é localizado, isto é, não disseminado no espaço ou no aparelho produtivo;

b) o crescimento é forçosamente desequilibrado; e

c) a interdependência técnica é um fator a se destacar na transmissão do conhecimento.

Há trabalhos que insurgem como análises alternativas ou como críticas à teoria dos polos. Segundo ROLIM (1982) e PIFFER (1997), o estudo dos aspectos regionais possui interesse, não simplesmente no estudo da caracterização e definição de região, e sim nas disputas que os grupos sociais travam no seu interior, ou seja, as regiões são identificadas e caracterizadas pelas relações sociais que as definem em dado momento. Para MARKUNSEN (1982), quando se fala em desenvolvimento regional, na verdade, deve-se pensar em um desenvolvimento numa forma territorial concreta e não abstrata.

CORAGGIO (1985) critica basicamente a carga ideológica contida no trabalho de Perroux. Para ele, a teoria dos polos busca efetivamente o desenvolvimento de polos regionais e dos grupos sociais, associados aos polos, e que as tentativas de excluir da teoria os elementos ideológicos, para tentar mostrá-la pura, ou seja, somente como um conjunto de relações técnicas, é simplesmente uma forma de esconder, mascarar a ideologia da classe dominante.

## A TEORIA DOS POLOS NA ATUALIDADE

Segundo TOLOSA (1987), os elementos de dominação, inicialmente definidos por PERROUX (1977) como “unidade dominante”, que poderiam ser uma firma, uma indústria ou um complexo industrial, exercem uma influência irreversível e assimétrica no espaço econômico. De tal forma que o âmago da teoria da “Unidade Dominante” tentava explicar o comportamento dos mercados não competitivos e de todos os agentes econômicos que tomam decisões nesse mercado. Posteriormente, a teoria da “Unidade Dominante”, dada a sua amplitude, sofreu uma série de refinamentos e mudanças, e numa versão mais recente se tornou conhecida como Teoria dos “Polos de Crescimento”.

Ferrera de Lima (2003) chama a atenção que se deve distinguir dois tipos de polos: crescimento e desenvolvimento. O polo de crescimento é ativo, pois produz a expansão industrial, mantendo o ritmo crescente das atividades, em

contraste ao polo de desenvolvimento, que apenas produziria a expansão da indústria mediante condições especiais. Dessa forma, os polos exercem um efeito de dominação sobre os outros espaços. Essa dominação se dá através da ação de uma unidade motriz. A unidade motriz pode ser uma unidade simples ou complexa composta por empresas ou indústrias ou uma combinação delas, que exerce um efeito de atração sobre as demais unidades a ela relacionadas.

PERROUX (1982) procurou também aperfeiçoar o conceito de unidade motriz, em substituição da unidade dominante. A unidade motriz pode ser uma unidade simples ou complexa composta por empresas ou indústrias, ou uma combinação delas que exercem um efeito de atração (dominação) sobre as demais unidades a ela relacionada. Sua atuação num espaço sócioeconômico gera efeitos positivos. Uma empresa motriz pode estar geograficamente situada em um local de exploração da matéria-prima e seu mercado de bens e serviços estar localizado em outras regiões, dessa forma a empresa ou indústria estará completamente deslocalizada em relação ao seu mercado de bens e serviços (ex.: indústria de mineração).

Apesar de os efeitos de aglomeração envolverem as relações de uma cadeia produtiva, os efeitos técnicos de encadeamento são os que dizem respeito à função de produção, ou seja, às relações de compra de insumos e fornecimento de produtos. Os efeitos para trás (fornecimento de insumos), com as indústrias complementares, são geralmente mais importantes que os efeitos para frente (fornecimento de produtos) com as empresas satélites, porque o valor adicionado pela empresa motriz, é comparativamente ao da indústria satélite bem maior.

Os efeitos de junção ou transporte envolvem investimentos no sentido de expandir a capacidade da rede de transporte como resposta à atuação da indústria motriz, já que o transporte é um componente expressivo do custo. A rede de transporte torna-se dessa forma parte do eixo de desenvolvimento que, além do tráfego de produtos inclui a orientação principal e durável do tráfego de serviços e capitais.

Já os efeitos sobre a demanda ou mercado basicamente dizem respeito às mudanças nas propensões keynesianas, ou seja, o crescimento da indústria motriz afeta a estrutura de população através da expansão da renda regional. Do mesmo modo, as instituições se modificam a fim de se ajustarem à elevação do nível de bem-estar geral. Aumentos persistentes na renda causam, segundo KEYNES (1985), uma diminuição na propensão a consumir e em contrapartida uma elevação na propensão a poupar.

As ideias da polarização não desapareceram totalmente com a morte de Perroux em 1986. Diferente de PERROUX (1982) e HIRSCHMAN (1996), KRUGMAN (1991), afirma que a polarização crescente é o resultado da interação entre baixos custos de transporte e de relações interindustriais de cooperação e concorrência em regiões específicas. As regiões periféricas aliam custos expressivos de transporte com uma relação de dependência nas atividades de transformação e serviços. Isso faz com que as regiões periféricas tenham um custo maior de

produção e distribuição aliada a problemas com retorno de escala. Custos moderados de produção associados a retornos de escala e custos de serviços pouco significativos geram tendências à concentração geográfica dos agentes econômicos, conseqüentemente, no padrão de localização das atividades produtivas e na organização espacial da economia. A estrutura dos custos e os rendimentos crescentes têm um papel decisivo na integração espacial da economia com mercados externos.

Segundo MAILLAT et al. (1993), a longo prazo, a integração com os mercados externos e a abertura comercial será intensificada com a inovação. Nesse caso, os autores propõem a concepção de meio ou ambiente inovador, que vem fornecer precisões e expandir a noção de polo e campo de influência. Para os autores, o meio ou ambiente inovador é um conjunto de relações que intervém em uma zona geográfica. Essa zona geográfica agrupa um sistema de produção baseado na interação de empresas, instituições visando à inovação material e técnica. Esse meio inovador se caracteriza pela cooperação entre o coletivo e a estrutura produtiva. Assim, os agentes econômicos convergem em direção a formas mais eficazes de gestão e inovação. O meio inovador formara uma rede de inovação à medida que ele se torna mais competitivo globalmente, ou seja, que ele expanda sua base de exportação e se integre com o mercado externo.

Na mesma linha de MAILLAT, QUÉVIT e SENN (1993), SANTOS (2003) afirma que a presença de uma população regional com uma boa qualidade de vida é a primeira causa da criação da função industrial, conseqüentemente de meios inovadores. PUTNAM (1996) explica que as regiões que possuem uma vida civil capaz de estimular ligações com outras regiões, com instituições consolidadas são capazes de fortalecer e estimular o desenvolvimento regional. Nesse sentido, a região polo tem mais que uma unidade motriz como elemento motor, mas um engajamento coletivo. A polarização é o fenômeno da conectividade civil, da formação do capital social, ou seja, de aspectos da vida civil que torna a população mais produtiva e as empresas mais inovadoras.

A análise de MAILLAT, QUÉVIT e SENN (1993), PUTNAM (1996) e SANTOS (2003) demonstra que a noção de polo necessita de elementos institucionais ligados às empresas locais que lhe permitam avançar na inovação. Nesse sentido, surge a noção de polo de competitividade. Num artigo recente, LOINGER (2005) apresenta a idéia de polos de competitividade. Segundo o autor, a política de formação de polos de competitividade visa dar a indústria ou às unidades motrizes uma nova capacidade concorrencial na lógica da economia mundo. Assim, esses polos têm forte conotação "tecnoindustrial", apoiada por iniciativas locais. Ele aponta o caso francês como exemplo, onde os polos de competitividade foram construídos em função de uma rede de inovação local, da interação entre os diferentes atores locais e regionais, da qualidade dos projetos de pesquisa, ou seja, sem a ação direta do Estado. Assim, os polos se formaram a partir do potencial local pré-existente, da capacidade de encadeamento produtivo dos polos com as economias locais, da capacidade de atração dos territórios onde

estão localizados. A polarização e a integração com os mercados inter-regionais foi por Maillat et al (1993) com a teorização das “regiões de aprendizagem” ou dos “meios inovadores”. Para os autores os meios inovadores representam um conjunto de relações que interferem numa área geográfica.

## OS POLOS DE CRESCIMENTO ECONÔMICO NO PARANÁ

Os polos de desenvolvimento implantados no Paraná, a partir de 1994, priorizaram efetivamente as agroindústrias, desenvolvendo e potencializando a vocação das regiões do Estado. No entanto, outras áreas, como a metal-mecânica, transporte, hotelaria (turismo), mineração, moveleiro, madeireiro e têxtil estão sendo desenvolvidos. Esse desenvolvimento tem ocorrido nas cidades polos e ao longo de um eixo, denominado “anel de integração”, por onde os fluxos de capital, bens e serviços, irradiam crescimento para as demais cidades, devido à sua proximidade com os municípios polo.

As principais áreas de desenvolvimento são a agricultura, agropecuária e piscicultura, sendo implantados e consolidados os seguintes polos do Quadro 01:

**Quadro 1 – Polos Regionais de Desenvolvimento**

Áreas/Polo	Região	Principais localidades/municípios
Couro e Confecções	Norte e Noroeste	Maringá, Londrina, Cianorte, Apucarana, Paranaíba.
Têxtil	Norte	Maringá, Londrina, Cianorte
Fruticultura	Nordeste, Norte Pioneiro, Sul e Centro	Guarapuava, Jacarezinho, Paranaíba, Campo Mourão, Ivaiporã, Pitanga
Seda	Norte e Noroeste	Maringá, Londrina, Cianorte, Apucarana, Paranaíba.
Moveleiro	Norte	Eixo Londrina-Maringá.
Madereiro	Centro/Sul	Guarapuava, Irati, União da Vitória.
Piscicultura	Costa Oeste e represas	Guaira, Toledo, Cascavel, M.C.Rondon, Foz do Iguaçu.
Viveiros marinhos e pesca	Litoral	Litoral.
Agroindustrial Medicamentos Agroindústria	Oeste e Sudoeste	Francisco Beltrão, Cascavel, Toledo, Pato Branco, Rondon, Medianeira, Cafelândia

Fonte: SILVA, 1996.

O polo regional no setor agroindustrial de carnes é destaque, visto que, a produção ligada a esse setor encontra-se fortemente estabelecida na região Oeste e Sudoeste, estando esse processo fortemente ligado à consolidação dos Complexos Agroindustriais (CAI's). Esse tipo de processo de produção é

caracterizado, conforme PIZZATO (1993), pelo processo de produção integrada, no qual a empresa integradora mantém um controle total (no caso do setor avícola), ou quase total (como na suinocultura), do ciclo de produção, industrialização e comercialização. Destaca-se nesse sistema, na região, a Frigobrás Cia. Brasileira de Frigoríficos (SADIA) e outras (Coopacol, Globoaves, etc.). Esse desenvolvimento da agroindústria começou a partir da década de setenta, com grande intensidade na agroindustrialização de suínos e aves.

Os polos instalados e os em estruturação repercutem basicamente nas seguintes atividades estaduais:

a) No eixo Londrina-Maringá: complexo sucroalcooleiro, cafeicultura, fruticultura, mobiliário, criação de um centro regional de negócios, universidade do campo, polo têxtil, desenvolvimento industrial, sericultura, couro e mandioca;

b) No eixo Cascavel: importante polo de serviços repercutirá sobre basicamente as agroindústrias;

c) No eixo Guarapuava: agroindústrias, por causa das atividades pecuárias e agrícolas da região;

d) No eixo Ponta-Grossa: desenvolvimento industrial, agroindústrias e agropecuária;

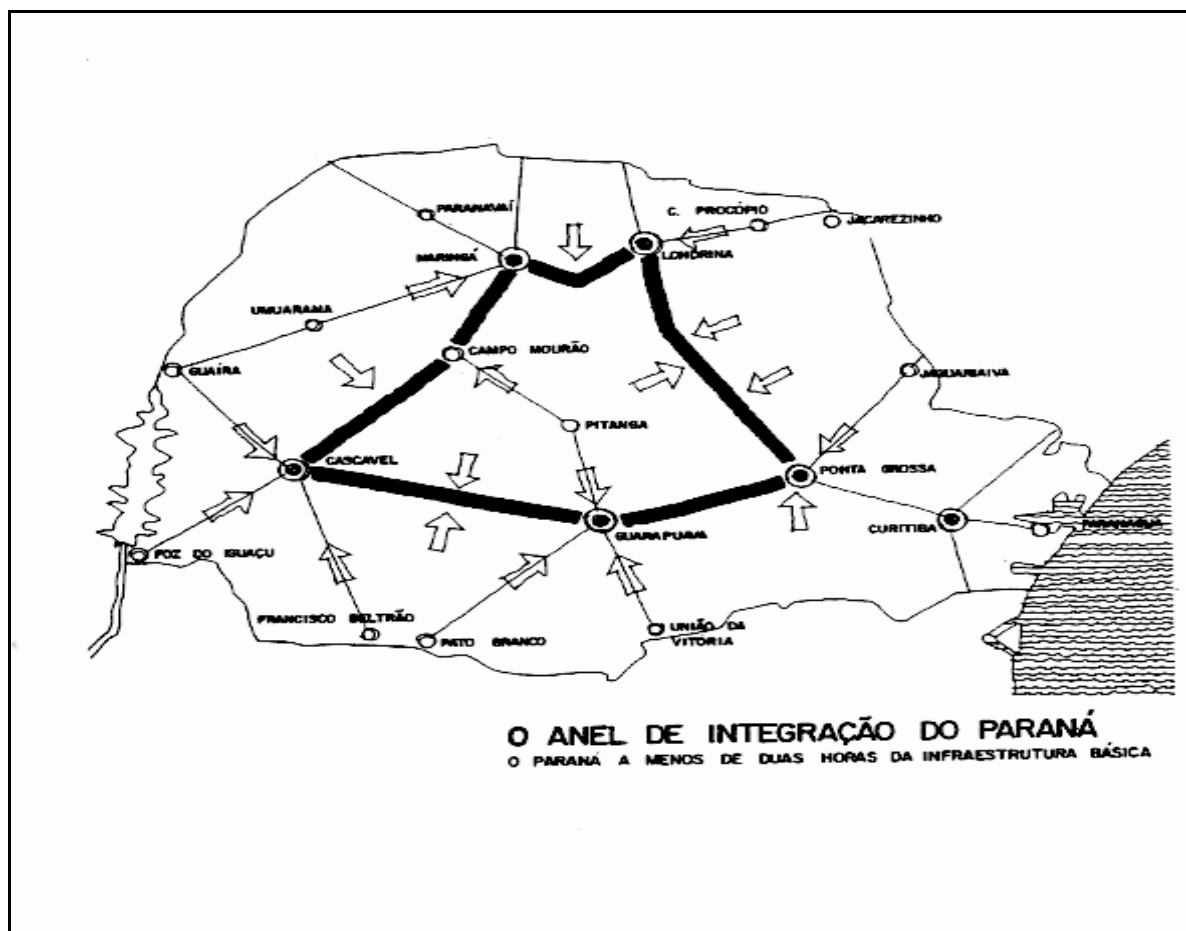
e) Na Região Metropolitana de Curitiba: apresenta uma diversidade industrial, onde se concentram as atividades mais expressivas de produção industrial agregada, de serviços públicos, estrutura viária, transporte e de comunicação, além de uma grande concentração urbana e um elevado processo de conturbação.

Assim, a implantação de polos e a estruturação dos já existentes, baseados na teoria de François Perroux, tem alavancado o crescimento do Paraná, haja vista que o Estado possui várias cidades que ocupam papel de destaque na economia regional, potencializando sua capacidade de polarização. Dentre estas cidades, pode-se citar: Ponta-Grossa, Londrina, Maringá, Cascavel, Curitiba, entre outras.

Atualmente o Paraná já ocupa uma posição de destaque em desenvolvimento sócioeconômico, comparativamente aos outros estados da federação, além de encontrar-se numa posição geográfica privilegiada em relação ao MERCOSUL.

A ligação entre os polos se dá através de um anel de integração, o qual assume a função de eixo de integração das diversas regiões, conforme figura 1.

FIGURA 1 - ANEL DE INTEGRAÇÃO ECONÔMICA DO PARANÁ.



Fonte: SILVA, 1996.

O anel de integração, de acordo com PERROUX (1977, 1982), forma uma orientação principal e durável do tráfego de produto, serviços e capitais. Ao longo do anel de integração a infraestrutura instalada foi melhorada através de uma política de localização industrial, de armazenagem, de terminais de carga e desenvolvimento urbano e rural. As cidades polo foram priorizadas na instalação de "portos secos", com ligação viária ao Porto de Paranaguá, no litoral do Estado.

### POLARIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PRODUTIVAS NO PARANÁ

No Paraná o setor primário está mais difuso entre as mesorregiões, sendo o setor mais significativo do Estado. Apesar disso, em termos de ocupação de mão-de-obra e participação no valor adicionado fiscal, o padrão de localização<sup>3</sup> das

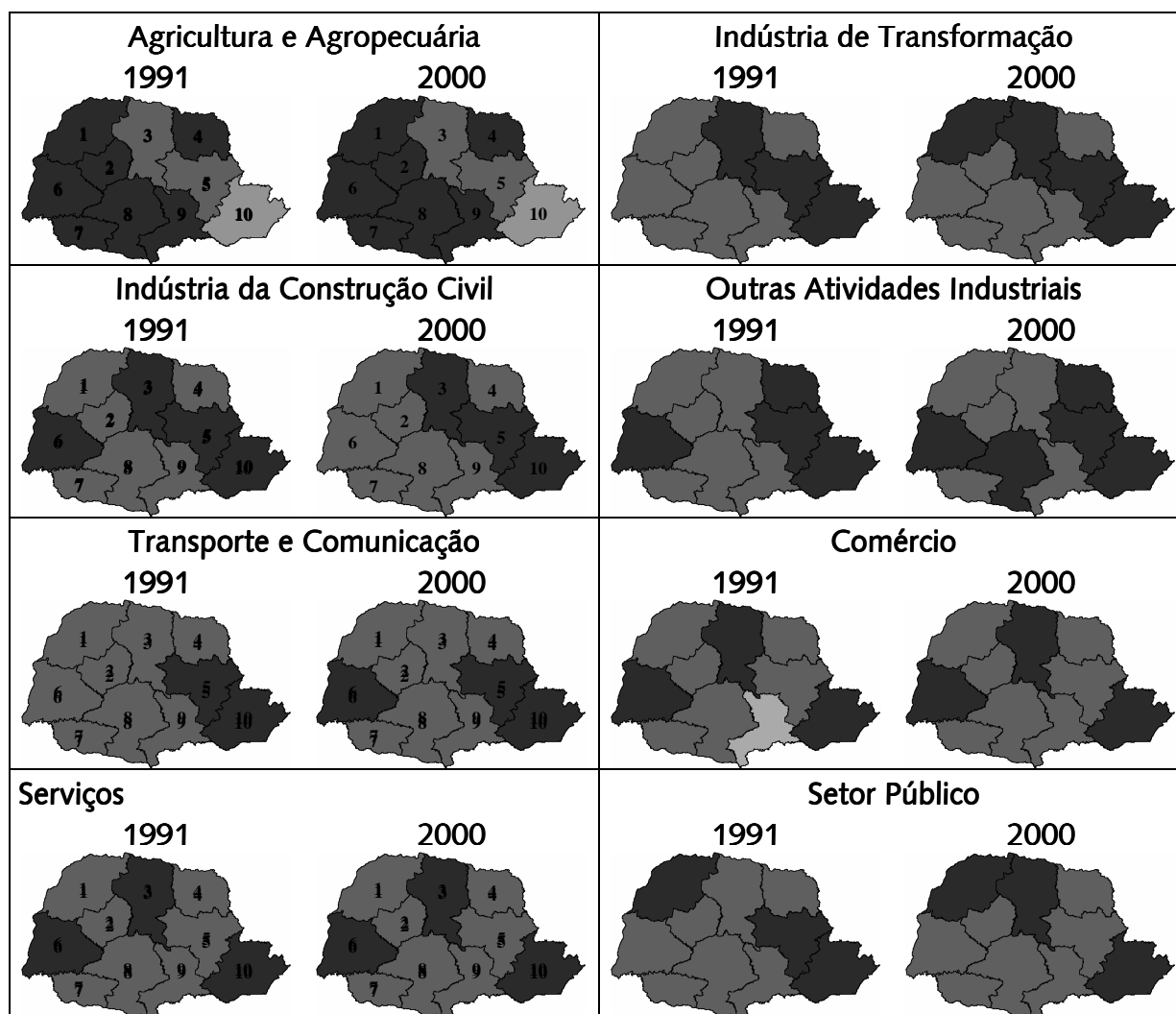
<sup>3</sup> O padrão de localização é representado pelos resultados do cálculo do quociente de localização ( $\theta$ ).

Definido os ramos que serão analisados e o emprego (E) como variável, considere  $E_{ij}$  o emprego no ramo de atividade produtiva  $i$  do município  $j$ . O padrão de concentração ou dispersão do emprego regional pode ser estimado







atividades agropecuárias ainda são extremamente importantes nas mesorregiões Noroeste, Centro Ocidental, Norte Pioneiro, Oeste, Sudeste, Sudoeste e Centro Sul do Paraná. No entanto: outros ramos se destacaram no Estado: os ramos das atividades industriais concentram-se fundamentalmente na área entre as mesorregiões Norte Central e Metropolitana de Curitiba. A mesorregião Oeste se destaca no ramo de outras atividades industriais.

**FIGURA 2 – PADRÃO DE LOCALIZAÇÃO DO EMPREGO NAS MESORREGIÕES DO ESTADO DO PARANÁ – 1991/2000**



a partir de  $\theta_{ij} = \frac{E_{ij} / \sum_j E_{ij}}{\sum_i E_{ij} / \sum_i \sum_j E_{ij}}$ , onde  $\theta \geq 1$  indicam uma forte localização do emprego. A partir desse

resultado pode-se generalizar a localização para média ( $0,50 \leq \theta \leq 0,99$ ) ou fraca ( $\theta < 0,50$ ). (FERRERA DE LIMA, 2006).

<b>Mesorregiões:</b>		<b>Quociente Locacional do Emprego:</b>	
1 - Noroeste Paranaense	6 - Oeste Paranaense	0  700 km	 Localização Significativa  Localização média  Localização fraca
2 - Centro-Occidental Paranaense	7 - Sudoeste Paranaense		
3 - Norte-Central Paranaense	8 - Centro-Sul Paranaense		
4 - Norte Pioneiro Paranaense	9 - Sudeste Paranaense		
5 - Centro-Oriental Paranaense	10 - Metropolitana de Curitiba		

Fonte: FERRERA DE LIMA et al, 2006 e 2007.

O setor terciário, formado pelos ramos comercial e de serviços, apresentou localização significativa nas mesorregiões Oeste, Norte Central e Metropolitana de Curitiba em ambos os anos analisados. Essa característica pode ser explicada, em parte, por essas três mesorregiões serem formadas pelas principais metrópoles do Estado, ou seja, a intensa urbanização. Nesse caso, o resultado do indicador confirma a tendência de a economia regional deslocar-se para as atividades terciárias, à medida que seu perfil de desenvolvimento vai amadurecendo e a mão-de-obra se adensando. Ou seja, o fortalecimento da polarização ou a diminuição da influencia da polarização sobre a periferia estimula o avanço do setor terciário.

O ramo de transporte e comunicação chegou, no ano de 2000, apresentando localização significativa nas mesorregiões Oeste, Centro Oriental e Metropolitana de Curitiba. Os principais corredores rodoviários do Estado passam por essas três mesorregiões, explicando, assim, parte dessa localização significativa.

Nota-se pela Figura 1 a formação de um corredor da indústria de transformação. Esse corredor começa na mesorregião Noroeste Paranaense, englobando as mesorregiões Norte-Central, Centro-Oriental e a Metropolitana de Curitiba. Deve-se salientar que o Noroeste Paranaense entrou nesse corredor em 2000. Já as outras atividades industriais envolveram três mesorregiões periféricas ao setor da indústria de transformação: a Oeste, a Norte-Pioneiro e a Centro-Sul. No contexto geral, a análise da localização (QL) demonstra a "periferização" das mesorregiões Sudoeste, Norte Pioneiro, Sudeste, Centro-Occidental e Centro-Sul Paranaenses. Essas mesorregiões apresentaram poucas localizações significativas no período analisado.

Numa dinâmica paralela e inversa, os segmentos da indústria moderna do metal-mecânica apontam para uma mudança qualitativa na estrutura industrial do Estado, centrada na Região Metropolitana de Curitiba. Nos anos 1990, essa estrutura vem alterando sua composição, incorporando novos segmentos e, desse modo, criando uma nova dinâmica. O padrão resultante deverá estar dominado pela incorporação de montadoras estrangeiras, de supridores diretos e de planos de expansão para os segmentos já instalados. Sua concretização está apoiada em

fortes estímulos fiscais e no reforço à instalação de infraestrutura, como duplicação e manutenção de rodovias, implementação de fibras óticas de telefonia celular e ampliação de oferta, distribuição e transmissão de energia (MOURA e KLEINKE, 1999).

No final do século XX ocorre uma nova fase que marcará a economia paranaense no início do século XXI. Essa fase terá como elemento norteador os seis vetores traçados por LOURENÇO (2002): a transformação metal-mecânica; o agronegócio capitaneado pelo movimento cooperativo; a expansão do ramo das indústrias não tradicionais e dinâmicas, em especial de celulose e papel; a inserção definitiva do Paraná no mercado internacional, através da expansão da sua base de exportação; o desenvolvimento e a diversificação de novas atividades produtivas nas microrregiões não metropolitanas; e, por fim, a ampliação da infraestrutura (transportes, comunicações e telecomunicações).

## CONCLUSÃO

A teoria da polarização evidencia, e o Paraná torna-se um exemplo disso, que os polos são importante para gerar as forças desestabilizadoras ao processo de alavancagem do desenvolvimento econômico, haja vista que o processo de desenvolvimento nessa concepção é forçosamente desequilibrado e concentrado.

O cerne da teoria está fundamentado na implantação e consolidação de indústrias - ou complexos industriais - que no seu processo de crescimento irradiam forças de forma assimétrica e irreversível para o conjunto da economia. Essas indústrias, pela forte concentração de capitais, decomposição técnica das tarefas, divisão dos fatores de produção, atração de mão de obra, encadeamento com outras indústrias, localização etc., comandam o desenvolvimento de determinado espaço econômico.

Tais indústrias denominadas por François Perroux como indústrias motrizes, não se limitam somente a uma única empresa, podendo ser na verdade um grupo delas. As indústrias movidas e as motrizes formam, dessa forma, um complexo industrial. Assim, a implantação de um complexo industrial numa cidade a transforma num polo de desenvolvimento amplo, mas não necessariamente difuso.

No Paraná, a partir de 1970, houve um intenso processo de reestruturação produtiva e de urbanização, processo que se manteve com menos intensidade nos anos 1980. Com isso, parte da população do estado migrou para outros estados e para outras regiões do próprio Paraná, a maioria para grandes centros urbanos, fazendo com que aumentasse os investimentos em infra estrutura básica. No final dos anos 1980 o Estado teve pré-condições relativamente distintas das demais regiões do Brasil com relação à infra estrutura, ajudando-o no começo dos anos 90 com a abertura da economia brasileira.

A partir da década de 1990, foi implantada uma série de polos regionais interligados por um anel viário de integração, formando uma rede, que possibilita

uma integração entre os diversos polos. Os resultados concretos dessa política só serão visíveis nos próximos anos, com a consolidação dos investimentos públicos e privados.

No caso paranaense, as atividades industriais se concentram em um corredor entre as mesorregiões Norte Central e Metropolitana de Curitiba. Das demais somente a mesorregião Oeste se destaca no setor de outras atividades industriais. Com relação aos demais setores notou-se uma concentração nas mesorregiões com maior densidade populacional, quais sejam: Oeste, Norte Central, Centro-Oriental e Metropolitana de Curitiba. Por outro lado, notou-se uma interação entre as atividades produtivas ligadas aos setores secundário e terciário. Essa interação torna-se mais significativa e correlacionada com a densidade populacional, ou seja, com a urbanização. No caso dessas mesorregiões, o continuum produtivo é urbano-industrial, em contraste ao Centro-Sul, Sudoeste e Noroeste Paranaense que, dadas as suas características geográficas e econômicas, ainda possuem muitos municípios com um continuum urbano-rural.

Portanto, outros estudos sobre a polarização e o perfil da polarização no Paraná devem ser elaborados com vistas à obtenção de um panorama mais amplo da estrutura locacional e da divisão inter-regional do trabalho e da produção, subsidiando a formulação de apontamentos mais precisos em relação à dinâmica setorial das mesorregiões paranaenses.

---

## Poles of economic growth: notes on the case of Paraná State in Brazil.

### ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the theory of poles of economic growth, applied to an analysis of the Paraná State scenery in Brazil. The economic growth does not occur everywhere at the same time. This process manifests itself in varying intensities in clusters, a fact noticeable in Paraná State. The core of the polarization theory is based on the deployment and consolidation of industries - industrial complexes - which in their growth process forward progress to the whole economy, through capital concentration, division of production factors or attraction of labor. The location of productive activities ordering the economic development of certain economic space, which is occurring in Paraná State.

**Keywords:** poles of growth; regional development; economic development; localization theory.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORAGGIO, J. L. Polarizacion, desarrollo y integracion. In: KUKLINSKI, A. Desarrollo polarizado y politicas regionales. México: FCE, p.49-60, 1985.
- FERRERA DE LIMA, J. A concepção do espaço econômico polarizado. Interações: Revista Internacional de Desenvolvimento Local, Campo Grande, v. 4, n. 7 p. 7 – 13, set. 2003.
- FERRERA DE LIMA, J. Méthode d'analyse régionale: Indicateurs de localisation, de structuration et de changement spatial. Collection notes et rapports de recherche. Saguenay : GRIR, mai 2006.
- FERRERA DE LIMA, J.; ALVES, L. R.; PIFFER, M.; PIACENTI, C.A. Análise regional das mesorregiões do Estado do Paraná no final do século XX. Análise Econômica. Porto Alegre, v. 24, nº 46, p.07-26, 2006.
- FERRERA DE LIMA, J.; ALVES, L. R.; PIFFER, M.; PIACENTI, C.A. O Padrão de localização e a difusão da mão de obra na Região Sul do Brasil (1991-2000). Ensaios FEE. Porto Alegre, v. 28, nº 01, p.189-224, 2007.
- HIRSCHMANN, A. Estrategia del Desarrollo Económico. México: FCE, 1961.
- KEYNES, J. Teoria geral do emprego, do juro e da moeda. (Os economistas). São Paulo: Nova Cultura, 1985.
- KRUGMAN, P. Increasing returns and economic geography. Journal of Political Economy, Washington (DC), nº 99, p.483-499, 1991.
- LEITE, P. S. Novo enfoque do desenvolvimento e as teorias tradicionais. Fortaleza : Imprensa Universitária, 1983.
- LOINGER, G. Les pôles de cométitivité du point de vue de l'aménagement du territoire. Vie et Sciences Économique, Malmaison: ANDESE, nº 170-171, 2005.
- LOURENÇO, G. Cenários de compreensão da dinâmica econômica paranaense. In: CARIO, S.; PEREIRA, L.; BROLLO, M. (org.) Economia Paranaense: Estudos de setores selecionados. Florianópolis: UFSC, p.19-36, 2002.
- MAILLAT, D.; QUÉVIT, M.; SENN, L. Réseaux d'innovation et milieux innovateurs. In : MAILLAT, D.; M. QUÉVIT et L. SENN (sous la direction de) Réseaux d'innovation et milieux innovateurs : un pari pour le développement régional. Neuchâtel : EDES, p. 01-13, 1993.
- MARKUNSEN, A. Regionalismo: um enfoque marxista. In: ROLIM, C. F. C. Espaço e região: retorno aos conceitos originais. (Série textos para discussão). Fortaleza: CAEN/UFC, 1982.
- MOURA, R.; KLEINKE, M. L. U. Espacialidades de concentração na rede urbana da região Sul. Revista Paranaense de Desenvolvimento. n.95, Curitiba: IPARDES, p. 03-25, jan./abr. 1999.
- PERROUX, F. A Economia do Século XX. Lisboa : Herber, 1967.
- PERROUX, F. Dialogue des monopoles et des nations : équilibre ou dynamique des unités actives? Grenoble : Presses universitaires de Grenoble, 1982.
- \_\_\_\_\_. Le Capitalisme. Paris: Preense Universitaire de France, 1962.

\_\_\_\_\_. O conceito de polo de crescimento. In:- SCWARTZMANN, J. (org.) Economia regional e urbana: textos escolhidos. Belo Horizonte: CEDEPLAR, p.145-156,1977.

PIFFER, M. A dinâmica do oeste paranaense e sua inserção na economia nacional. (Dissertação de mestrado) Curitiba: UFPR, 1997.

\_\_\_\_\_. A base econômica e sua difusão no oeste do Paraná. Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural (SOBER). Foz do Iguaçu (PR), 1999. CD-ROM.

PIZZATO, M. D. O novo padrão de desenvolvimento agroindustrial. O caso da produção integrada à Sadia em Toledo-Paraná. Maringá, 1993. Monografia (Especialização em Geografia do Brasil) - Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá.

PRADO, E. F. Estrutura tecnológica e desenvolvimento regional. São Paulo : IPE/FIPE, 1981.

PUTNAM, R . La société civile en déclin : pourquoi? Et après? La conférence John L. Manions. Ottawa : Centre Canadien de Gestion. , 1996. Disponível em <http://bibvir.uqac.ca/archivage/1538867.pdf>

ROLIM, C. F. C. Espaço e região: retorno aos conceitos originais. (Série textos para discussão). Fortaleza: CAEN/UFC, 1982

SANTOS, M. Economia espacial: críticas e alternativas. São Paulo: Edusp, 2003.

SCHWARTZMANN, J. (Org.) Economia regional e urbana: textos escolhidos. Belo Horizonte : CEDEPLAR, 1977.

SCHUMPETER, J. Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juros e o ciclo econômico. (Os economistas). São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SILVA, J. R. A teoria dos polos de desenvolvimento: uma discussão teórica dos polos de desenvolvimento do Paraná (Monografia de graduação), UNIOESTE/ *Campus* de Toledo, 1996.

TOLOSA, H. Polos de crescimento: teoria e política econômica. In: HADDAD, P. R. Planejamento regional; método e aplicação ao caso brasileiro. Rio de Janeiro, IPEA (Série Monográfica nº 08), p. 191-234, 1972.